



ARRIBA

Nº. 21

Associação de Moradores dos Capuchos Julho 2024



**O verão do nosso
contentamento**

Conteúdo

Tema de capa	2
O verão do nosso contentamento	2
Férias	3
O verão e as férias. Pagas!	3
Memórias de outros verões	6
Um verão especial na Cova do Vapor	6
Um Verão na Primavera	7
25 de Abril, que noite e que dia!	7
Cultura (no verão)	10
Por este rio acima.....	10
Algumas músicas	13
Alguns festivais (os que ainda restam).....	13
Alguns filmes	14
Uma aguarela	14
O verão do nosso contentamento	14
Um poema.....	15
Os dias de verão	15

O “ARRIBA” é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos:

Website: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Tema de capa

O verão do nosso contentamento

O senhor idoso olhou para o telemóvel para conferir a data e a hora. O aparelho indicava 4 de Agosto de 2035, 16h. Sentado num dos bancos do parque infantil dos Capuchos, olhou em redor: avós fazendo exercício nos aparelhos espalhados pelo parque enquanto os netos brincavam, gente que apenas disfrutava do ar livre e do ambiente, outros sentados a conversar. Recordou-se daquele mesmo espaço vinte anos antes: abandonado, cheio de ervas daninhas, sujo e inútil. Vinte anos antes, ele e mais um grupo de vizinhos juntaram-se para dar voz aos moradores do bairro, votado ao esquecimento pela autarquia, talvez por ser um bairro de vivendas, como se habitar um bairro de vivendas fosse um pecado.

O senhor idoso levantou-se e num passo vagaroso encaminhou-se para o Miradouro, decidido a apanhar um pouco de sol, às quatro da tarde já não queima e sempre lhe faria bem aos ossos.

Uma vez no Miradouro, arranjado, limpo e sem carros, deixou os olhos cansados percorrerem tudo o que a vista podia abarcar: Cabo Espichel, mar, Costa da Caparica sem mamarrachos, Lisboa, Serra de Sintra. Fechou os olhos por segundos e deu-se por si com asas a voar por cima de tudo aquilo. Subitamente, um vento mais forte quebrou as asas, iniciando a queda em direcção às águas do Atlântico. Fechou de novo os olhos e encomendou a alma ao Criador. O seu corpo bateu ...

...no colchão. Acordou e levantou-se de um salto, meio atordoado, olhou o despertador, 7h. Dirigiu-se à casa de banho, lavou a cara com água fria, passou depois à cozinha para preparar o pequeno-almoço, não sem antes olhar o calendário. O ano era 2024.

Afinal foi só um sonho, mas como alguém disse, o sonho comanda a vida.

Paulo Figueiredo

Nota: este artigo foi escrito de acordo com a grafia antiga

Férias

O verão e as férias. Pagas!

O verão é a minha estação favorita e, seguramente, da maioria da população portuguesa.

Os dias mais longos, as temperaturas mais agradáveis para atividades ao ar livre que melhoram o humor, as férias escolares, os festivais, as festas públicas e privadas, as viagens, tudo isto contribui para associamos o verão a um período de descontração e lazer. Ninguém contesta que este descanso é fundamental e merecido para quem trabalha ao longo do ano. Até a alimentação costuma melhorar no verão, já que é uma época de abundância de frutas e vegetais frescos. E isto sem renegar, de modo nenhum, uma boa feijoada, um cozido à portuguesa, umas favas com entrecosto e tantas outras maravilhas da culinária portuguesa, para além de um bom peixe grelhado, comido numa esplanada ao ar livre.

O verão rima também com férias. Desde logo porque são o período das férias escolares de muitas crianças e jovens e, por arrasto, das suas famílias. Muitas

empresas, instituições, e organizações dão férias aos seus funcionários neste período do ano. Os

negócios e contratos costumam arrefecer, se não congelar, nesta altura do ano. A atividade política vai a banhos.



Por detrás deste contentamento ligado ao verão e às férias, existe um conceito que tem reduzidas décadas de existência: as férias pagas. Tirando uma esforçada franja da população em que as férias significam metade (ou menos) das receitas e o dobro das despesas, a grande maioria tem as suas férias pagas.

As férias pagas são uma prerrogativa generalizada por todo o mundo, com variações determinadas por condicionantes económicas, sociais e culturais. Por

exemplo, no Japão, a legislação obriga a um período mínimo de férias de 10 dias. Culturalmente, muitos trabalhadores deste país optam por não ter férias.

Na União Europeia, a diretiva sobre tempo de trabalho garante pelo menos 4 semanas de férias anuais pagas para todos os trabalhadores, embora cada país possa ter regras adicionais que oferecem mais dias de férias.

Em Portugal, o direito a férias pagas para trabalhadores é uma questão historicamente significativa, que evoluiu ao longo dos anos.

Antes de 1974, a legislação era mais limitada e menos abrangente. Os direitos dos trabalhadores, incluindo o direito a férias, eram restritos e variavam conforme o setor e o tipo de emprego.

Durante o Estado Novo (1926 a 1974), sendo os sindicatos controlados pelo regime, as leis que regulavam o trabalho eram mais focadas em manter a ordem e a produtividade e com menos ênfase na proteção dos direitos dos trabalhadores. De acordo com a legislação da época, os trabalhadores tinham direito a um período anual de férias pagas, mais curto do que o atualmente estabelecido. A duração das férias variava conforme a categoria profissional e o tempo de serviço, geralmente sendo de 6 a 12 dias úteis. O pagamento das férias era garantido, mas os valores eram baixos, refletindo os salários geralmente modestos da época.



Fonte: Reprodução/IMDb

Se recuarmos um pouco mais, durante o Revolução Industrial e o início do século XX, as condições de trabalho em Portugal, assim como na maior parte do mundo, eram muito precárias. Os trabalhadores enfrentavam longas jornadas de trabalho, baixos salários e quase nenhuma proteção social. A legislação que garantisse direitos laborais, como férias pagas, era praticamente inexistente. Era o liberalismo

puro e duro onde os trabalhadores tinham poucos ou nenhuns direitos e o Estado estava ausente na relação entre o empregador e o trabalhador. Na área económica existe uma verdade absoluta que diz que “a lei liberta e a liberdade oprime”. Ou seja, se a relação entre o fraco e o forte não estiver regulamentada, obviamente que o forte irá explorar e oprimir o fraco.



Fonte: <https://www.esquerda.net/artigo/no-centen%C3%A1rio-da-uni%C3%A3o-oper%C3%A1ria-nacional/31703>

Foi só no início do século XX, que o movimento operário começou a ganhar força em Portugal, com sindicatos e associações de trabalhadores exigindo melhores condições de trabalho, incluindo a introdução de férias remuneradas. O concelho de Almada testemunhou muitas destas lutas. Durante a

Primeira República (1910-1926), houve algumas reformas laborais, mas a instabilidade política dificultou a implementação de políticas sociais eficazes. No entanto, ao longo deste período a legislação laboral começou a evoluir, embora de uma forma lenta e irregular.

A primeira legislação que garantiu férias pagas aos trabalhadores foi introduzida em 1937. Esta legislação concedia aos trabalhadores do setor industrial o direito a um período mínimo de férias anuais pagas, ainda que de forma bastante limitada. A legislação de 1943 ampliou o direito a férias para incluir os trabalhadores do setor comercial, estipulando que estes teriam direito a um mínimo de 6 dias úteis de férias, após um ano de serviço. Nas décadas de 50 e 60, as férias pagas foram gradualmente estendidas a mais categorias de trabalhadores e a duração das férias foi aumentada, chegando, em alguns casos, a 12 dias de férias pagas.

Com a Revolução dos Cravos em 1974, que derrubou a ditadura do Estado Novo, houve uma série de reformas democráticas e sociais que incluíram a melhoria dos direitos dos trabalhadores. A nova Constituição de 1976 consolidou muitos destes direitos, incluindo o direito a férias pagas. Foi com o Código do Trabalho de 2003 e 2009 que se estabeleceu, de forma clara e consolidada, o direito a férias pagas, com pelo menos 22 dias úteis de férias por ano. Este período de descanso remunerado reflete um avanço significativo nos direitos laborais, com grande melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores portugueses.

Na próxima vez que gozar férias pagas vale a pena refletir sobre a sua origem. São o resultado de muita gente a lutar ao longo de muitos anos para podermos ter este direito. Boas férias. Pagas!

João Paulo Curto

Memórias de outros verões

Um verão especial na Cova do Vapor

Sendo eu natural de Vila Nova de Caparica, tendo muita relação com os Capuchos, uma proximidade grande com o rio e o mar e tudo que diz respeito ao banhar, em geral, aos banhos e ao sol em particular, desde criança que usufruo a vista magnífica, que todos podemos disfrutar, do Cabo Espichel à Serra de Sintra,



Eu, em pé do lado direito

privilégio de quem pode ter acesso aos dois excelentes miradouros dos Capuchos.

Em criança, de muito tenra idade, frequentei, com a minha família, a praia da Costa de Caparica, (Praia do Sol - assim se chamava na altura), de que não me recordo a não ser vendo fotos. Por isso, o primeiro verão verdadeiramente passado, tive-o na praia da Cova do Vapor em 1957.



O facto de ter família com casa naquela praia, família que morou na Quinta da Aldeia, propiciou uma experiência fantástica e verões muito especial naquela praia magnífica de rio e de mar, em simultâneo. Foram dias que jamais esquecerei. Vinham milhares de pessoas de Lisboa, no barco com partida no Cais do Sodré, passava pela Trafaria e atracava na ponte de madeira, construída pela "Parceria de Vapores Lisbonenses" em 1932.

Hoje, todo este território está submerso, na confluência de águas do mar e do rio Tejo, naquele sítio especial" onde o Tejo se faz ao mar". Naquela época a praia da Cova do Vapor estava a 1900 metros da Torre do Bugio, hoje está a 3,600 metros, o mar avançou e a praia recuou 1700 metros. Lembro, por vezes, que aqueles verões inolvidáveis, passados naquela praia, estão hoje submersos, mas as memórias, essas estão à superfície.

O convívio, as brincadeiras com os meus primos e as outras crianças, foram especiais. Os banhos, o sol, a apanha fácil de lingueirões, de berbigão e, por vezes linguados que se escondiam no areal quando a maré vazava, além da maravilhosa sensação de andar no pequeno bote a remar, uma aventura feliz.

Curioso o facto do tema da capa do "Arriba" ter a imagem da Cova do Vapor em grande plano, não a que já não existe e saliento por palavras, essa está submersa. Sem dúvida, esta praia é muito especial, desenvolveu-se desde os anos 20 do século XX, com os novos hábitos balneares dos lisboetas que aproveitavam a excelente praia de rio e de mar. Ganhou intensa vida social, bailes, espetáculos, convívios, cafés, restaurantes, aluguer de quartos, banheiros, posto de primeiros socorros. A Cova do Vapor durante décadas conheceu grande sucesso. Hoje continua, mas com limitações, devido ao avanço do mar.

Eduardo Gomes

Um Verão na Primavera

25 de Abril, que noite e que dia!

Em 30 de Dezembro de 1972, um grupo de católicos a que se associavam não católicos, organiza uma vigília de 48h na Capela do Rato em Lisboa para meditar sobre a paz e sobre a situação vivida na guerra colonial. No dia seguinte, os participantes aprovam uma moção repudiando a política do governo de prosseguir uma guerra criminosa com a qual tentava aniquilar movimentos de libertação das colónias denunciando a cumplicidade da hierarquia da Igreja Católica face a à guerra. No final do dia os presentes começaram a fazer uma greve de fome contra a guerra colonial. O capelão da capela era o Padre Alberto, conivente com esse mesmo espírito dos presentes. Não disse a missa por estar doente e fora substituído nessa missa por um outro padre. Os presentes foram intimidados pela polícia a saírem da capela embora sem qualquer sucesso. Alguns dos intervenientes foram levados para a esquadra do Rato enquanto a assistência os acompanhava. Já anteriormente tinha havido outra vigília na Igreja de S. Domingos de Benfica.

O III Congresso da oposição ao regime do Estado Novo, realizado em Aveiro em Abril de 1973, também contribuíra e muito para o desgaste do regime.

Por sua vez, nas noites de Lisboa, no Botequim, bar de Natália Correia, muitos se juntavam para uns copos e organizavam saraus contra o regime e contra a guerra colonial. Natália, poetisa, dizia:

Dão-nos um lírio e um canivete
e uma alma para ir à escola
mais um letreiro que promete
raízes, hastes e corola

...

Dão-nos marujos de papelão
com carimbo no passaporte
por isso a nossa dimensão
não é a vida nem é a morte



Natália Correia

(excerto de “Queixa das almas jovens censuradas”)**

Foi na Concorrente, livraria de Campo de Ourique, onde me guardavam os livros contra o regime e escondidos para não serem censurados e foi assim que de certa forma e ainda jovem, comecei a ter uma educação política que me fez sair do país para não cumprir a vida militar, teria eu uns 18 anos. No 25 de Abril de 1974, já casado, assisti a todas estas movimentações com todo o entusiasmo que relembro como se fosse hoje.

Pelas 4h da manhã da madrugada de 25 de Abril de 1974, recebemos uma chamada que nos incomodou pela hora, alguma coisa de grave teria acontecido. Do outro lado da linha, a minha sogra, incumbida pelo meu sogro, informava-nos que estava a acontecer uma revolução em Portugal, convidando-nos para irmos para casa deles, enquanto a situação não estivesse mais definida e assim ficaríamos mais perto uns dos outros.

Falava dum golpe militar mas não tinha pormenores, sendo tudo muito vago. Pegámos na trouxa e lá fomos! A informação viera dum amigo e colega do meu sogro, Dr. Vasco Urpina, que com ele exercia medicina no Hospital de St^a Marta em Lisboa. Por sua vez, o Dr. Urpina era vizinho e amigo do General Vasco Gonçalves que o informara um pouco antes do que estava a acontecer. O meu sogro era director de serviço do Hospital de Santa Marta e era professor de Medicina Interna. O Dr. Vasco Urpina era seu interno, homem de esquerda, tal como o meu sogro, também de esquerda, de ascendência inglesa e de uma verticalidade inabalável. Às 5 h da manhã já os dois estavam no seu posto de trabalho em St^a Marta. Tratava-se, então, de um golpe definitivo no regime político vigente! O Estado Maior do Movimento das Forças Armadas tinha-se instalado no Posto de Comando situado no Regimento de Engenharia 1 (RE1), para dirigir as forças revoltosas. Lá estava Otelio Saraiva de Carvalho, o Tenente Coronel Garcia dos Santos, o Major Santos Osório, o Comandante Vítor Crespo, entre outros oficiais. Tinham sido dadas duas senhas para acompanhar o início da saída dos militares dos quartéis; a primeira às 22h55, sinal cuja senha os emissores de Lisboa emitiram a canção de Paulo de Carvalho, “ E depois do Adeus”. A Escola Prática de Administração Militar tinha tomado de assalto os estúdios da RTP em Lisboa. A segunda senha foi dada à 00h25, pelo programa Limite, da Rádio

Renascença, por Leite Vasconcelos com “ Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso. O mote estava dado e os militares dos quartéis saíram finalmente à rua.



O Capitão Salgueiro Maia liderava as forças revolucionárias que marcaram o fim da ditadura. Saiu de Santarém, da Escola Prática de Cavalaria tendo tido a subtilidade de encorajar os seus soldados, informando-os da delicada situação e que iria prosseguir o seu plano de avançar sobre Lisboa e todos se dispuseram a segui-lo. Já em Lisboa tomara posições junto dos ministérios onde as forças fiéis ao regime, finalmente alinharam com as forças de Salgueiro Maia. De seguida, dirigiu-se para o quartel da GNR, no Carmo, onde Marcelo Caetano, (presidente do Conselho de Ministros) se tinha refugiado.

Salgueiro Maia

Entretanto, os militares que haviam ocupado a Rádio Renascença, aconselhavam os lisboetas a não saírem de casa, receando que a revolução provocasse incidentes. A ordem de nada adiantou: felizes com a possibilidade de virem a ter a liberdade de volta, os lisboetas saíram à rua para se unirem aos militares. Para além de os apoiarem com a sua presença, deram-lhes comidas, bebidas e tabaco. Alguns agentes da PIDE, cercados pelos militares, fugiam da sede da polícia política. Algumas pessoas foram mortas, quatro ou cinco, com tiros disparados pelos pides, um sórdido espectáculo vê-los pendurados nas varandas a tentarem saltar das mesmas. Muitos fugiram, disfarçados na multidão. No Largo do Carmo, uma vendedora de flores começara a distribuir cravos vermelhos pelos militares e por algumas pessoas que os acompanhavam. Uma criança colocou por sua vez um cravo nos canos de uma espingarda G3 de um militar e o povo colocava o cravo na lapela e assim que nasceu a Revolução dos Cravos! O dia continuava como se não tivesse fim. Entretanto, no fim da tarde Marcelo Caetano rendera-se e finalmente entregara o poder ao General Spínola, que não fazia parte dos revoltosos.

Salgueiro Maia, finalmente levou Marcelo Caetano num Chaimite para o exílio. Lembro a multidão que cercou o Chaimite no Largo do Carmo dirigindo palavras de revolta e com uma vontade inabalável de o sacrificarem. Eu estava lá e recordo como se fosse hoje, aquela revolta pelos longos anos de fascismo.



Veículo blindado “Chaimite”

Todo o governo deposto estava no quartel do Carmo assim como Américo Tomaz, Presidente da República. Os dias seguintes foram de festa enquanto os militares formavam um governo provisório, chefiado por Spínola. Foi chamado o 1º Governo Provisório. Muitas situações se tinham precipitado ao longo do tempo. Olhando para trás, a guerra colonial seria a primeira causa da tentativa de derrubar o regime; os militares mortos

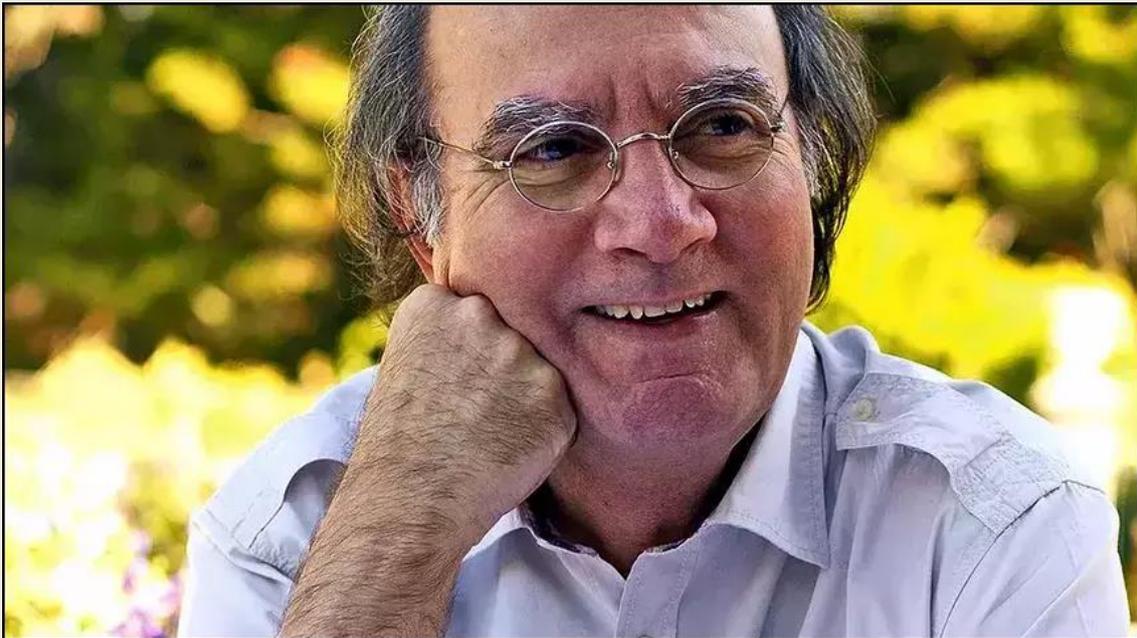
contribuíram decididamente para tal. A pobreza extrema de grande parte dos portugueses contrastando com uma minoria pertencentes à alta burguesia levava a um enorme descontentamento. O sonho das lutas académicas, dos milhares de antifascistas presos, torturados e assassinados pela ditadura, dos que resistiram e tombaram na dura luta da liberdade, finalmente concretizado em Abril!

Manuel José Alvorão

[*Queixa das almas jovens censuradas](#)

Cultura (no verão)

Por este rio acima...



Fausto Bordalo Dias (1948-2024)

Morreu, no dia 1 de julho, **Fausto Bordalo Dias**, cantor e compositor português. Tinha 75 anos. Foi um dos mais influentes cantautores da história da música popular portuguesa. Fausto Bordalo Dias foi presença constante da geração que, antes e depois do 25 de Abril, protagonizou o movimento da canção de protesto.

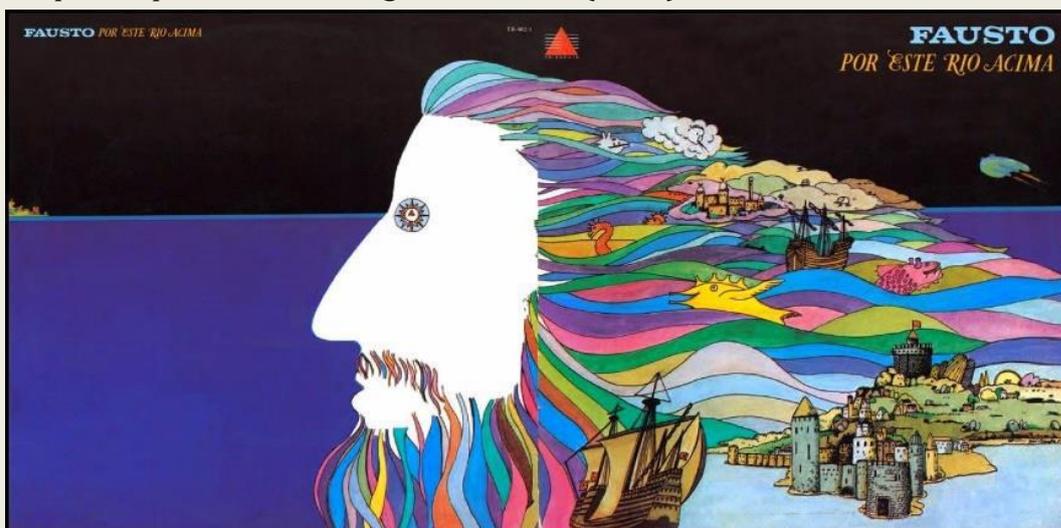
Nascido a bordo do navio *Pátria*, durante uma viagem entre Portugal e Angola, Fausto Bordalo Dias foi registado em Vila Franca das Naves, Trancoso. Foi em Angola, de onde regressará anos mais tarde, que formou a sua primeira banda, Os Rebeldes. Acabou por se fixar em Lisboa, em 1968, quando entrou no antigo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, atual ISCSP – Universidade de Lisboa, para se licenciar em Ciências Sociopolíticas.

Pró que Der e Vier (1974) e *Beco sem Saída* (1975) são os seus dois trabalhos iniciais, marcados pela experiência revolucionária. A esses seguiram-se *Madrugada dos Trapeiros* (1977), que inclui a canção *Rosalinda*, *Histórias de Viazeiros* (1979), que abre já caminho a *Por Este Rio Acima* (1982), o seu grande sucesso, inspirado na obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Com *Para Além das Cordilheiras* (1989) venceu o Prémio José Afonso. “Com Fausto, é toda uma viagem pelo universo dos sons, da memória coletiva, do sentir mais profundo que nos une enquanto comunidades”.

O seu último álbum, *Em busca das montanhas azuis*, foi lançado em 2011 e conta com arranjos musicais de José Mário Branco. Ao todo, gravou 12 discos, entre 1970 e 2011. Um dos seus concertos mais marcantes ocorreu em julho de 1997, em Belém, nas celebrações dos 500 anos da partida de Vasco da Gama para a Índia. Na memória recente ficaram também os espetáculos “Três Cantos”, que deu com Sérgio Godinho e José Mário Branco.

Por Este Rio Acima é o primeiro disco de uma trilogia que inclui ainda os álbuns *Crónicas da Terra Ardente* e *Em busca das Montanhas Azuis* (2011).

Por Este Rio Acima baseia-se nas viagens de Fernão Mendes Pinto, relatadas no livro *Peregrinação* (1614) enquanto que o seguinte, *Crónicas da Terra Ardente* foi inspirado pela História Trágico-Marítima (1735).



[Por este rio acima](#)

[Clique aqui para ouvir todo o disco](#)

Por este rio acima...

Por este rio acima
 Deixando para trás
 A côncava funda
 Da casa do fumo
 Cheguei perto do sonho
 Flutuando nas águas
 Dos rios dos céus
 Escorre o gengibre e o mel
 Sedas porcelanas
 Pimenta e canela
 Recebendo ofertas
 De músicas suaves
 Em nossas orelhas
 Leve como o ar
 A terra a navegar
 Meu bem como eu vou
 Por este rio acima

Por este rio acima
 Os barcos vão pintados
 De muitas pinturas
 Descrevem varandas
 E os cabelos de Inês
 Desenham memórias
 Ao longo da água
 Bosques enfeitados
 Soutos laranjeiras
 Campinas de trigo
 Amores repartidos
 Afagam as dores
 Quando são sentidos
 Monstros adormecidos
 Na esfera do fogo
 Como nasce a paz
 Por este rio acima

Meu sonho
 Quanto eu te quero
 Eu nem sei
 Eu nem sei
 Fica um bocadinho mais
 Que eu também
 Que eu também
 Meu bem
 Por este rio acima

Isto que é de uns
 Também é de outros
 Não é mais nem menos
 Nascidos foram todos
 Do suor da fêmea
 Do calor do macho
 Aquilo que uns tratam
 Não hão de tratar
 Outros de outra coisa
 Pois o que vende o fresco
 Não vende o salgado
 Nem também o seco
 Na terra em harmonia
 Perfeita e suave
 Das margens do rio
 Por este rio acima

Meu sonho
 Quanto eu te quero
 Eu nem sei
 Eu nem sei
 Fica um bocadinho mais
 Que eu também
 Que eu também
 Meu bem

Por este rio acima
 Deixando para trás
 A côncava funda
 Da casa do fumo
 Cheguei perto do sonho
 Flutuando nas águas
 Dos rios dos céus
 Escorre o gengibre e o mel
 Sedas porcelanas
 Pimenta e canela
 Recebendo ofertas
 De músicas suaves
 Em nossas orelhas
 Leve como o ar
 A terra a navegar
 Meu bem como eu vou
 Por este rio acima

Algumas músicas

Algumas canções pop que se tornaram clássicos de verão, por assim dizer, e outras músicas que não são pop mas que são também clássicos, numa lista que não é para levar muito a sério.

[“Surfin’USA” – Beach Boys](#)

[“In the summertime” – Mungo Jerry](#)

[“Dou te um doce” - Lena D’água](#)

[“As 4 estações, Verão” - Vivaldi](#)

[“As Estações , Verão” - Glazunov](#)

[“Porgy and Bess, Summertime” – Gershwin, cantado por Ella Fitzgerald e Louis Armstrong](#)

Alguns festivais (os que ainda restam)

NOS Alive - 11, 12 e 13 de julho

MEO Marés Vivas - 19, 20 e 21 de julho

Super Bock Super Rock - 18, 19 e 20 de julho

EDP CoolJazz Cascais - 1 a 31 de julho

Jazz em Agosto – 1 a 11 de Agosto

MEO Sudoeste - 7, 8, 9 e 10 de agosto

Vodafone Paredes de Coura - 14, 15, 16 e 17 de agosto

O Sol da Caparica - 15, 16, 17 e 18 de agosto

MEO Kalorama - 29, 30 e 31 de agosto

Alguns filmes

Alguns filmes de verão, todos eles se tornaram clássicos.

[“Os Goonies” \(1985\) de Richard Donner \(1985\) - Trailer](#)

[“Antes de Amanhecer”, de Richard Linklater \(1995\) - Trailer](#)

[“Conta comigo”, de Rob Reiner \(1986\) - trailer](#)

[“As férias do Sr. Hulot”, de Jacques Tati \(1953\)](#)

Uma aguarela

O verão do nosso contentamento



Carlos Canhão

Um poema

Os dias de verão

Os dias de verão vastos como um reino
Cintilantes de areia e maré lisa
Os quartos apuram seu fresco de penumbra
Irmão do lírio e da concha é nosso corpo
Tempo é de repouso e festa
O instante é completo como um fruto
Irmão do universo é nosso corpo
O destino torna-se próximo e legível
Enquanto no terraço fitamos o alto enigma familiar dos astros
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem
Como se em tudo aflorasse eternidade
Justa é a forma do nosso corpo

Sophia de Mello Breyner, *Obra Poética*